

ÁGUA MÃE E IMAGINÁRIO NA TERRA PANTANEIRA: EDUCAÇÃO AMBIENTAL¹

WATER MOTHER AND IMAGINARIUM ON EARTH PANTANEIRA: ENVIRONMENTAL EDUCATION

Lucy Ferreira Azevedo²
Dolores Aparecida Garcia³

RESUMO: O presente trabalho tem como proposta realizar um estudo que aproxime o estudo das narrativas com as descobertas feitas pela ciência no Pantanal. Diante disso, visamos situar a lenda sob a ótica da Educação Ambiental, colocando em discussão a interdisciplinaridade que decorre de sua apreciação. Assim, um incentivo à consciência ambiental para a compreensão e preservação. Com este propósito, o objetivo de estudar o imaginário, tendo Bachelart (2002, 2003) como apoio teórico, está no mesmo veio das investigações sobre Educação Ambiental que leva à chegada a uma mesma foz que também se mistura e se abre para novas inquietações.

Palavras-Chave: mito, Imaginário, leitura, ensino.

ABSTRACT: The present work intends to carry out a study that approximates the study of narratives with the discoveries made by science in the Pantanal. In view of this, we aim to situate the legend from the perspective of Environmental Education, putting in discussion the interdisciplinarity that results from its appreciation. Thus, an incentive to environmental awareness for understanding and preservation. With this purpose, the objective of studying the imaginary, with Bachelart (2002, 2003) as theoretical support, is in the same vein of the investigations on Environmental Education that leads to the arrival at the same mouth that also mixes and opens to new concerns.

Keywords: myth, imaginary, reading, teaching.

Introdução

Os mitos do rio e seus habitantes vivem em harmonia, em complementação, em uma região onde a água comanda os ritos, o *habitus*, o calendário, o tempo de nascer e morrer: é o Pantanal. Surgem, das águas

1 Artigo recebido em 30 de maio de 2017. Aceito em 20 de julho de 2017.

2 Doutora; UNIC, grupo de pesquisada; E-mail: lucyfazevedo@gmail.com.

3 Doutoranda; UFMT/UNIVAG; E-mail: doloresgarcia.1411@gmail.com



que a tudo comandam, “causos”/lendas que são narrativas e, na cultura local, tudo explicam.

Narrativas que ficam no inconsciente coletivo que, por meio da memória do pantaneiro, já se traduzem em convivência na vida prática e devem ser um conteúdo importantíssimo na vida das crianças e jovens que hoje já se relacionam também com a mídia e novas visões de mundo que, juntamente com sua história primordial, também educam.

Nesta perspectiva, então, é o objetivo deste trabalho a reflexão sobre mitos aquáticos em Mato Grosso, colhidos na lenda hereditária do Minhocão, para um estudo interdisciplinar que promova a consciência ecológica e a escola é o lugar oportuno para as discussões, uma vez que pode partir da memória como base textual para um começo de conversa. Assim, nos “causos”, devem ser vistas a questão ecológica, fauna e flora, mas também a questão cultural no sentido discutir a Educação Ambiental muito além da paisagem, como luta.

Educação Ambiental entendida como luta, resistência a partir de tudo que o imaginário local aponta como integração homem (natureza humana) e natureza física. Assim, o estudo das relações entre Educação Ambiental e outros campos de investigação buscam, na medida do possível, propor, discutir ou criticar modos de colaboração entre Educação Ambiental e outras áreas de estudo, aqui especificamente com a lenda do Minhocão que poderá provocar reflexões interdisciplinares, epistemológicas: ciência que amalgamará terra, vida humana, vida vegetal e animal e as ciências sociais (ciências do homem, da vida e da natureza).

O levantamento cultural, nesse contexto, é essencial para o despertar da consciência na valorização do que lhe é próprio, inerente a sua identidade cultural. Um apanhado cultural que mostrará a Educação Ambiental como verdadeiro campo de luta, no sentido de não só apelar para a memória do que foi, mas campo de reflexão para a construção de sujeitos que operem transformações no presente. O que exige conselhos gestores e participação social (SILVA; PELICIONI, 2014, p. 829).

O autor basilar para as nossas reflexões foi Bachelard em sua compreensão fenomenológica e que nos possibilitou uma verdadeira viagem ao mundo imaginário. O fundo dos rios, onde “Tornam-se, nas imagens, o que se tornam em nosso devaneio. Contemplar a água é escoar-se é dissolver-se, é morrer”. (BACHELARD, 2002, p.49) e o mesmo autor



continua dizendo dever devolver ao rio e às fontes de sua terra o papel principal que ele acredita ser das águas . (BACHELARD, 2002, p.8). Portanto, poiar-se nas obras de Bachelard para a construção dessa pesquisa foi fundamental, pois ele representa, no campo de estudos do imaginário, uma abertura em direção a Educação Ambiental e às lendas e mitos como um instrumento de sensibilização.

A Educação Ambiental tem por premissa que a reflexão sobre as ações individuais e coletivas e sua ação prática respondem pelo processo aprendizagem (NAIME& GARCIA, 2004, p.80). Assim, a Educação em seu sentido mais amplo, comporta também uma perspectiva de que o homem tem estreita ligação com o meio e seu fazer, no sentido de conviver com todos os seres em sua biodiversidade, tem uma conotação política que é local e planetária, além de envolver necessariamente a emoção e a razão, como será discutido a seguir.

Muitos são os autores que vêm se preocupando com o debate sobre Imaginário como corrente teórica. A necessidade de dotar o termo de um conceito claro e operacional levou os historiadores a apropriarem-se das pesquisas e reflexões de outras disciplinas, tais como a Filosofia e a Antropologia. Trata-se de um debate bastante antigo das ciências humanas, reatualizado pelo autor ao discutir o conceito de imaginário e que se refere à existência de uma pretensa dicotomia entre mudança e permanência, entre estruturas e transformação. Não é, entretanto, preocupação deste artigo estabelecer os limites entre outras correntes teóricas conexas ao Imaginário.

Educação Ambiental

A Educação Ambiental tem um importante papel, não só na possibilidade de percepção do ser humano em seu meio. Ela possui um compromisso político de enorme envergadura. Para reivindicar este *status*, porém, necessita de um arcabouço teórico-metodológico que consiga cumprir seus compromissos de forma respeitosa. Isso não implica, entretanto, que ela seja desprovida de uma alma, é da mesma forma, construída através dos afetos, da emoção, do carinho e do desejo da felicidade humana.

Sentimentos sim, porque, conforme Sato e Passos (2002), as comunidades não fazem a sua história só no teórico, fazem-no também na



prática. Assim, há uma sabedoria que lê as águas e explica a vida no cotidiano das canoas, na apreciação dos animais silvestre, no cheiro da terra, na canção do vento, num entrelaçamento inseparável da biodiversidade com a cultura local. A Educação Ambiental exige, nesta perspectiva, muita criticidade. Nesse sentido, Paulo Freire sempre lutou por uma educação reflexiva, que visa combater o comportamento mecânico, imitativo e dependente, produzido por determinadas propostas e práticas pedagógicas, ou práticas decorrentes do excesso de racionalidade de nosso tempo altamente tecnolizado (FREIRE,1997).

No veio das questões ambientais, é preciso que todos se envolvam em um aprendizado constante, pois as transformações naturais também se dão de maneira continuada. No processo de aprendizagem, ações coletivas entre a sociedade e indivíduos estão imbricadas para que todos possam participar da construção do seu conhecimento e favorecera aprendizagem. Freire (2003, p.18) comenta que “um mundo melhor significa não apenas a sobrevivência dos seres, mas o da vida saudável e feliz”. Construção, portanto, que não deve ser transmitida somente na escola. Conforme Sato & Passos (2002, p.30), “A educação ambiental não deve ser direcionada unicamente para a sensibilização nas escolas, pois não são somente as crianças e jovens que manifestam cuidados ecológicos”. Continuando, Reigota (1994, p.58) afirma que a Educação Ambiental deve ser considerada como uma grande contribuição filosófica e metodológica à Educação em geral. “Educação Ambiental deve orientar-se para a comunidade e procurar incentivar o indivíduo a participar ativamente (...) atuando nas suas comunidades”.

A serpente e o imaginário

Para Bachelard (2003, p.209), “A palavra serpente opera em múltiplos registros. Vai da sedução murmurada até a sedução irônica da doçura lenta a um súbito silvo. Ela se compraz em seduzir. Ela se escuta falar”. Ambígua, masculina ou feminina, está intimamente ligada à terra, à água, à chuva fertilizadora e à fertilidade. Vive em buracos escuros. Para os antigos, era o submundo. Sua relação se expande, também, à natureza humana. Com o ser humano, principalmente com a mulher, em crenças antigas, acreditava-se que as cobras podiam engravidá-la. Pensava-se ainda que a mordida de uma cobra fosse responsável pela primeira menstruação



de uma menina. É o animal que mais provocou interpretações míticas e simbólicas, pois é um animal muito estranho, rasteja, faz eco aos primórdios dos tempos como fonte de pecado e de todos os terrores.

Fenomenologicamente, como os rios-serpentes e répteis, serpentes engendram pelos túneis, canais subterrâneos. Sua imagem também está presente no mito do Minhocão mato-grossense. É sobrenatural e, segundo Bachelard (2003, p.220):

É a imaginação de um ser da terra, circulando nos negros condutos subterrâneos. (...) A serpente mais comprida de todas. (...) A serpente é em suma, o subterrâneo em relevo, o complemento vivo do labirinto (...) encontra a síntese das imagens do labirinto e da serpente.

Bachelard (2003,p.221) continua com a afirmação de que, “Para a imaginação, naturalmente, todo ser rastejante é aparentado com a serpente”. Habita baías profundas aparecendo também em poços e lugares fundos.

Em Mato Grosso, a serpente às vezes é tida como um arco-íris. É conhecida como espírito da água. É terrível em sua cólera, possui o poder da auto-renovação, por causa de sua habilidade de mudar e renovar a sua pele. Este caráter mutante deu origem às crenças que lhe atribuem o poder da imortalidade. Faz com seus movimentos que poetas imaginem e criem momentos mágicos nas suas poesias. Como Bachelard (2003, p.208), “Fazendo a serpente mover-se em contracorrente no riacho, o poeta liberta a imagem tanto do reino da água quanto do reino do réptil (...) Ela é mesmo movimento sem matéria. Aqui ela é movimento puro”.

Matéria de poesia, entretanto, é destruidora. O útero da terra é ofídico e atrai, absorve, como um útero da morte, todas as criaturas para se satisfazer e fertilizar. A serpente une o reino vegetal e o reino animal, um casamento perfeito. Com efeito, de maneira profunda, a morte e a destruição estão ligadas à vida e ao nascimento. Bachelard (2003, p.202) traz que a serpente. “É o mais terrestre dos animais. É realmente a raiz animalizada e, na ordem das imagens, o traço de união entre o reino vegetal e o reino animal”.

Buscar sentido, encontrar significado, nos remete à dimensão do simbólico, pois simbolizar significa descobrir o sentido e o homem é um caçador de sentidos por excelência e vai entender, conforme Bachelard (2003, p.203), que “se acrescentarmos que esse movimento furar a terra,



percebemos que, tanto para a imaginação dinâmica como a imaginação material, a serpente se mostra um arquétipo terrestre”.

A função do imaginário é, pois, a de mediar simbolicamente as nossas relações; ele é um mapa com o qual lemos o mundo, pois é através dele que organizamos, recursivamente, o real. Para Bachelard (2002, p.202), “Essas correspondências das imagens com a palavra são as correspondências realmente salutares”, porque o imaginário são as imagens engendradas por palavras, conseqüentemente, uma imagem pode-se mostrar através de metáforas para se enveredar pelo exercício de uma ciência do imaginário.

Lendas e mitos

Os mitos constituem um gênero especial de literatura. Não são usualmente escritos ou criados por um ser individual, porque na realidade são produtos de uma imaginação coletiva, são experiências de toda uma era, de toda uma cultura. Parece que eles se formam gradativamente quando certos motivos emergem; são elaborados e finalmente lapidados, à medida que as pessoas contam e recontam algumas histórias que prendem sua atenção. Deste modo, temas que são exatos e universais mantêm-se vivos, enquanto que aqueles que tendem aos elementos peculiares de alguns poucos indivíduos, estes desaparecem. Mitos, portanto, retratam imagens coletivas, mostram coisas que são verdadeiras para todos os homens. Podem parecer arcaicos e distantes, mas nos diferentes Brasis, mostram-se ainda presentes.

Mitos são saberes e se caracterizam pela tentativa de responder muitas questões que se encontram inacessíveis para uma “realidade” concreta ao universo humano e existencial. Segundo, Morin (1986, p.150), são narrativas que os explicam.

(...) a origem do mundo, a origem do homem, o seu estatuto e a sua sorte na natureza, as relações com os deuses e os espíritos. Mas os mitos não falam só da cosmogêneses, não falam só de passagem da natureza à cultura, mas também de tudo que concerne à identidade, o passado, o futuro, o possível, o impossível, e de tudo o que suscita à interrogação, a curiosidade, a necessidade, a aspiração. Transformam a história de uma comunidade, cidade, povo, torna-se lendária, e mais geralmente, tendem a desdobrar tudo que acontece no nosso mundo real e no mundo imaginário para ligá-los projetar juntos no mundo mitológico.



Os mitos também tentam explicar costumes e rituais de uma determinada sociedade. Além de fornecer explicações, são usados para justificar o modo de vida de uma sociedade onde se constituem como uma forma de entender a realidade e de saber sobre a existência da humanidade. A narrativa lendária pertence à tradição cultural e oral de um povo que explica através do apelo sobrenatural, ao divino e ao misterioso a origem do universo, assim como o funcionamento da natureza. Mitos ajudam a captar a mensagem dos símbolos, pois o ser humano precisa e busca esclarecimentos, de modo que compreenda o sentido e significado da vida, da morte, do eterno e do misterioso.

O universo mitológico, para Morin (1986, p.151) aparece como um universo, cujas características fundamentais dos seres animados se encontram com coisas inanimadas “(...) nas mitologias antigas ou em mitologias contemporânea de outras civilizações (...) o universo é povoado de espíritos, gênios, deuses”.

Com uma educação voltada para a sociedade industrial, a cultura é transformada, disto resulta que os mitos e lendas vão sendo desqualificado daquilo que os legitimavam. Os indivíduos, constituintes de memórias dinâmicas, estão relacionados com a natureza, essa que se modifica com o decorrer dos anos, essa que corresponde a um passado de uma determinada pessoa, autora de sua própria história e pensamento. Traz na sua narrativa a realidade, como constata Merleau-Ponty (1996, p.389), “O mito considera a essência na aparência, o fenômeno mítico não é uma representação, mas uma verdadeira presença”.

O minhocão pantaneiro

O Minhocão pantaneiro, aqui, regionaliza, porque há outros lugares que também possuem este ser sobrenatural. Para isso, relataremos a lenda do Minhocão escrita pela escritora mato-grossense Dunga Rodrigues, *apud* (AZEVEDO, 2005), para que haja uma melhor compreensão das narrativas (mitos).

Recorrendo à memória, a autora informa que as jovens iam ao rio para lavar roupa com as trouxas ou bacias sobre a cabeça nas rodilhas para amortecer o peso. Sempre um grupo muito alegre.



Nas narrações, normalmente a lenda é desenvolvida juntamente com o cotidiano. É interrompida, por exemplo, com adendos como o uso de alguns termos, como a rodilha, o que fortalece o sentido de veracidade. Toda a narração, assim, é incorporada com fatos originais e culturais, juntamente com fatos sobrenaturais. Dessa forma, torna a narrativa convincente e original.

O sobrenatural – antecedido pelo natural – age sempre a favor da natureza, tenta chamar a atenção dos moradores para o cuidado que devem ter, pois, quando o Minhocão derruba o barranco, mostra as raízes soltas, responsáveis pelas margens que, ecologicamente vistas – mantêm a cava original do rio intacta, não permitem a destruição por assoreamento e a consequente diminuição das águas.

Assim, na realidade não existe uma espécie de divórcio entre mitologia e ciência. Só o estágio contemporânea do pensamento científico é que nos habilita a compreender o que há neste mito, perante o qual permanecíamos completamente cegos antes da ideia das operações binárias se tornar um conceito familiar para todos. (LEVI-STRAUSS 1978, p. 38)

Seguindo com a lenda, as meninas, na algazarra da ida até o rio, nem se preocupavam com o minhocão do Pari, assim chamado por viver naquela região. Ele era uma espécie de serpente, longa e cabeçuda. Sua cor não se distinguia ao certo; deslizando em baixo do barro das barrancas, vivia sempre coberto de terra deixando, ao passar, o chão solapado e cheio de socavões em forma de sua descomunal cabeça. Assim como nas narrativas em geral, o mito do Minhocão aparece como serpente, às vezes como minhoca gigante que habita os rios do Pantanal. Muitos narradores o chamam de “encantu” ou “encantadu”.

Encanto para o bem ou para o mal. Certa vez, Zé Timote em pé, na polpa da embarcação, voltava de um frete que fizera. Parece que a canoa virou para um lado, mas Zé Timote continuou equilibrado, estava firme de pé. Esfregou o olho para ter certeza do que vira, mas novo e próximo ruído ecoou fortemente, ao mesmo tempo que uma laçada negra fez um oito no ar, carregando para a profundezas do rio, canoeiro, remos, canoa e tudo, ainda salpicando água a muitos metros de distância.

A canoa parece ser a adjuvante de Zé Timote. Como o minhocão, também é operante (ECO, 1986, p. 151), pois não o segura, também o



derruba. Na cena, para reforçar o enredo, a autora faz uma contribuição à lenda, registrando a sua própria enciclopédia (ECO, 1986, p.112). Segundo ele, enciclopédia é o acervo cultural que se auto – explica, quando ela diz que tudo vai para o ar: remo, salpicar das águas, tudo. No entanto, o rapaz vinha do trabalho e o leitor poderia achar injusta a situação de desastre ao homem trabalhador, em comunhão com a natureza, ser vitimado. Eco (1986, p. 104) esclarece sobre “mundos possíveis”, ou seja, a possibilidade de o leitor satisfazer o curso de uma história feliz. Eco chama esta contribuição de “ mundos grávidos”. Mas, o minhocão é implacável e põe fim na possibilidade de o leitor imaginar uma saída saudável para o rapaz.

Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no mundo. E essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte o que é hoje...(ELIADE 1998, p.11)

Em suma, os mitos nos ensinam que o mundo, o ser humano e a vida têm uma origem e uma história sobrenatural, sendo ela significativa, preciosa e exemplar. Faz o contador rever uma realidade, no caso do Minhocão, as águas, e traz, da memória, uma reflexão/comparação irrepresável do ontem e do hoje. Assim, o imaginário pantaneiro está repleto de seres míticos que castigam os que matam animais, destroem as florestas e rios.

Na narrativa do minhocão, a dialética de vida e morte pode ser observada através de uma outra imagem, criada pelo imaginário ribeirinho. Os pescadores vêem o Minhocão como batelão, na verdade usam essa comparação para descrever a aparência do monstro (LEITE, 2003). O batelão é uma espécie de canoa larga, um instrumento de trabalho e de sobrevivência, ligado ao cotidiano ribeirinho. Assim, o batelão torna-se o monstro devorador da sobrevivência/vida.

Além do mito em si, a ilusão de ótica poderia ser estudada, para associá-la a uma possível compreensão da visão do Minhocão. Poderia ser um jacá boiando e o acrescentar a explicação da Física sobre corpos que flutuam. Para uma imaginação fértil, um pau que rola na correnteza de um



rio se confunde com uma cobra. O movimento circular sugere seres sobrenaturais que perambulam pelas profundezas, vez por outra arrastam consigo alguma vítima. Há, conforme se conta, muitos olhos nas profundezas das águas.

A aparência do minhocão em jacá, cheio, prenhe de peixes vivos, parece caracterizar-se com uma forma de, a exemplo do batelão, dissimulação do monstro. O que, no limite, pode ser visto como um desejo para enganar as vítimas. (Mario, 2005). As mães normalmente queriam afastar os filhos do rio e o sobrenatural auxilia na contenção, na demarcação dos limites. O processo de ensinar pelo medo.

O Minhocão pantaneiro possui um gemido de dor, de remorso pelas almas que morreram afogadas, como relatam os moradores ribeirinhos. Mas também de tristeza pelo descaso com a água. Bachelard caracteriza esses gemidos como as vozes da água.

Contemplar a água é escoar-se, é dissolver-se é morrer. (...) Nunca a água pesada se torna uma água leve, nunca uma água escura se faz clara. É sempre um inverso. O conto da água é o conto humano de uma água que morre (...) Ele acaba no âmago de uma água triste e sombria, no âmago de uma água que transmite estanhos e fúnebres murmúrios. O devaneio à beira da água, reencontrando os seus mortos (...), como um universo submerso. (...) o que fala no seio das águas, é a voz de um remorso. É preciso fazê-los calar, é preciso responder ao mal com a maldição; tudo o que geme em nós e fora de nós, é preciso golpeá-lo com a maldição (BACHELARD 2002, p.49,71)

No plano do imaginário local, segundo a citação acima, o sobrenatural tem respostas para si mesmo, porém, na interdisciplinaridade da escola, a reflexão sobre o homem moderno deve ser feita, porque este sofre, embora piore as condições do meio ambiente. Um arrependimento que terá quando tiver a consciência do irreversível ou, ainda em tempo, se desenvolver uma consciência ecológica, poderá reverter a situação.

Hoje, alguns homens do Pantanal relatam que os seres sobrenaturais estão se deslocando de Cuiabá, indo para São Pedro da Joselândia - cidade interiorana pouco habitada. Segundo os pantaneiros, o Minhocão gosta de sossego. Diriam, se pudessem, que o Minhocão prefere a natureza mais pura, sem poluição e/ou poluidor.

Para que uma cultura seja realmente ela mesma e esteja apta a produzir algo de original, a cultura e os membros têm de estar convencidos da sua originalidade e em certa



medida, mesmo da sua superioridade sobre os outros; é somente em condições de subcomunicação que ela pode produzir algo. Hoje em dia estamos ameaçados pelas perspectivas de sermos apenas consumidores, indivíduos capazes de consumir seja o que for que venha de qualquer ponto do mundo e de qualquer cultura, mas desprovidos de qualquer grau de originalidade(LEVI-STRAUSS 1978, p. 34)

Com diferentes adaptações, acompanhando as leituras individuais, medo impõe o respeito e, apesar de o Minhocão ser violento, mau humorado e amedrontador, aparece sempre para impor respeito pelo meio ambiente e associado ao prazer (a pescaria ou simples estar perto do rio para a apreciação da fauna e da flora). O temor, da mesma forma, leva o pantaneiro a ter uma consciência quanto às técnicas e saberes nas lidas.

Água silenciosa, água sombria, água dormente, água insondável, quantas lições materiais para uma meditação da morte. Mas não é a lição de uma morte heraclitiana, de uma morte que nos leva para longe comacorrente, como uma corrente. É a lição de uma morte que permanece conosco, perto de nós, em nós (BACHELARD, 2002,p. 72)

No Pantanal, os moradores conhecem enchente ou cheia, vazante, seca e chuva. Nos meses de dezembro a março acontece o período da chuva. Tudo vira água. Onde antes era terra, nessa época vira lagoa de vida e de peixe.

Se a água (...) deve comandar a terra. É o sangue da terra. A vida da terra. E a água que vai arrastar toda a paisagem para seu próprio destino. Em particular, uma determinada água, um determinado vale (BACHELARD, 2002,p.65).

Tem início nos meses de abril a junho/julho a época da vazante. O que era lagoa de vida passa a ser de fuga dos peixes. As lagoas secam e os peixes que foram até elas à procura de comida acabam presos no seco. Surge a lenda do Peixe-que-cai-do-céu.

Certamente as crianças e jovens que regulam a própria vida em função do regime das águas devem saber seu calendário especial. Algumas cidades pantaneiras cuidam do calendário escolar em função das cheias. Algumas escolas rurais de Poconé-MT têm um regime próprio em função disso. Nos meses seguintes, as águas diminuem cada vez mais. Inicia-se a fase da seca. Quando menos se imagina, o ciclo recomeça, vem a chuva e a terra começa a ficar cheia, dando início à vida.



A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal. Em numerosos exemplos veremos que para a imaginação materializante a morte da água é mais sonhadora que a morte da terra: o sofrimento da água é infinito (BACHELARD, 2002, p.7).

A primeira chuva chega sobre o solo carregado de matéria orgânica que não foi decomposta. Essa água cai sobre essa matéria, começa a decomposição da matéria orgânica, que causa uma água escura, suja e podre. Recebe o nome de “diquada” pelos pantaneiros.

a água é a substância que melhor se oferece às misturas (...) vai turvar o lago em suas profundezas vai impregná-lo. (...) Às vezes a penetração é tão profunda tão íntima que, para a imaginação, o lago conserva em plena luz do dia um pouco dessa matéria noturna. (...) Torna-se o negro pântano onde vivem os pássaros (...) Deve-se reconhecer que a água lhes dá um centro em que elas convergem melhor, uma matéria em que elas convergem melhor, uma matéria em que elas perseveram por mais tempo. Em muitas narrativas, os lugares malditos têm em seu centro um lago de trevas e horrores (BACHELARD, 2002, p.105-106).

Nessa água, o oxigênio é roubado pela matéria orgânica e muitos peixes morrem, pois “as águas imóveis evocam os mortos porque as águas mortas são as águas dormentes”. (BACHELARD, 2002, p.67)

Rodamoinhos e outros fenômenos podem ocorrer não só no período da chuva, mas também na época da seca até chegar a um período em que a água fica clara.

Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água, a água verde e clara, a água que enverdece os prados. Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever a minha ventura (...) A água torna-se assim, pouco a pouco, uma contemplação que se aprofunda, um elemento da imaginação materializante (BACHELARD, 2002, p. 9,12)

Na vazante, as águas são claras até chegar no outro período da seca, em que as águas ficam presas em corixos, onde justifica o porquê da água ser feminina e ser uma verdadeira maternidade.

Considerações finais

Por meio da narrativa do Minhocão, pudemos perceber que ela está direcionada para a preocupação com o meio ambiente, têm também caráter preservacionista pelo qual devemos lutar.



As lendas mostram que seres sobrenaturais agem como protetores de certos lugares, impedem que caçadores ajam de forma desequilibrada contra o ambiente. Entretanto, são seres que estão tendo seus espaços invadidos, seus lugares sagrados já estão entrando em extinção, estão desaparecendo em função do desequilíbrio ambiental provocado pela ação antrópica. Não é à toa que o Minhocão tem fugido para lugares mais calmos. Também não é sem motivo que o “muxurum” tem ocorrido no fundo do rio - grande quantidade de lixo que aflora na superfície.

Essa observação do pantaneiro junto a todos os sinais transformados em monstros que a natureza nos passa, pois ela não é muda, são informações que necessitam ser interpretadas. Muitas vezes sua manifestação natural é bastante catastrófica. A natureza tenta nos avisar por meio de mensagens de grandeza, beleza, perplexidade, dor e força que, para ser evitada alguma calamidade, basta o ser humano dar atenção aos gritos, gemidos que ela nos passa. Temos que ser capazes de perceber que muitos sinais são alerta.

Gritos que a escola não pode ignorar. Por exemplo, se a água é feminina, como acontece a criação dos peixes? Por que é importante a preservação das margens do rio? Quais espécies podem se constituir em mata ciliar? O que está acontecendo com o rio, cada vez menos volumoso e sem peixes? O que provoca a enchente e a vazante? Quais espécies fazem parte do Pantanal e resistem ao alagamento? Quais são os animais pantaneiros? Qual é o papel do Pantanal como ecossistema no planeta Terra? Por que o céu no Pantanal é mais estrelado e parece estar mais baixo, quase ao alcance da mão? Por que o pantaneiro está vindo para a cidade? Como as fazendas podem preservar o Pantanal? De que forma a sociedade pode utilizar o Pantanal de maneira sustentável?

Os temas riquíssimos terra/água/homem/imaginário podem ser estudados de forma interdisciplinar, individual e coletiva - uma questão política - para fortalecer o educando no sentido de respeitar a própria identidade e entender o seu estar-no-mundo, também com emoção e razão, porque a água pantaneira está perdendo seu espaço no imaginário de seu povo, o rio passou a ser quase esgoto-a-céu-aberto na cidade, levando as águas pantaneiras a sofrer, a matar os mitos que ainda existem.



Mitos são, pois, tesouros primordiais que, como espelho d'água, refletem o povo pantaneiro: paciente, solidário, simples, religioso, mítico e extremamente “encantadu”. Percebe-se claramente que neste contexto fica evidente a importância de se educar os futuros cidadãos brasileiros para que, como empreendedores, de modo responsável, conservem o ambiente saudável no presente e para o futuro, mas essa sensibilização não deve ser transmitida somente na escola, é uma questão que envolve toda a comunidade planetária, pois estamos próximos do irremediável.

REFERENCIAS

AZEVEDO. L. F. **Lendo Lendas**, Cuiabá: Carlini&Canato, 2005.

BACHELARD. G. **A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes. 2002.

BACHELARD. G. **Terra e os devaneios do Repouso. Ensaio sobre as imagens da intimidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARCELOS, V. H. L **Texto literário e ecologia: A contribuição das ideias de Octávio Paz às questões ecológicas contemporâneas**. Tese Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

BRASIL - MEC/SEF- **Ministério de Educação e cultura, Secretaria de Educação Ambiental**. V. 09. Brasília, 1997.

CINTRA. M. A. M de U.; MUTIM. A. L. B. **Educação Ambiental: a sabedoria da preservação nas lendas**. Salvador: Grupo Ambientalista da Bahia/Chef, 2002.

DIEGUES. A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. 2ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1998-a.

ECO. H. **Lector in Fabula-narratologia**. São Paulo: Perspectiva, 1986. Estética: as Formas do Conteúdo. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ELIADE. M. **Imagens e Símbolos**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GOMES. J. C.; SATO, M. Mulheres e Homens: Partes Diversas da integridade da Terra. In. SATO, M. (org.) **Sentidos Pantaneiros: Movimentos do Projeto Mimoso**. Cuiabá – MT: JCM, 2002.

FREIRE. P. **Pedagogia da autonomia: saber necessários prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.165.



FREIRE. A. M. A. O Legado de Paulo Freire à Educação Ambiental. (org.) F. de O. Noal et V. H. de L. B. **Educação Ambiental e cidadania cenários brasileiros**. Santa Cruz do Sul: Ed. Edunisc. 2003.

LEITE. M. C. S. **Águas encantadas de Chacororé: natureza, cultura, paisagens e mitos do Pantanal**. Cuiabá: Cathedral Unicen Publicações, 2003.

LEVI-STRAUSS. C. **Mito e significados**. Lisboa, Portugal: Ed.70. 1978.

MERLEAU-PONTY. M. **Fenomenologia da Percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MORIN. E. **Conhecimento do conhecimento. Método III**. Lisboa. Publ. Europa-América, 1986.

REIGOTA. M. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SATO.M.; PASSOS. L. A. **Biorregionalismo: identidade histórica e caminha para a cidadania**. In LOUREIRO. C. F. B.; LAYARGUES, p.7 ASTRO. R. S. (orgs). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002 p. 221-252.

SILVA. E. C. da; PELICIONI. M. C. F. Conselhos e Gestão Ambiental local: processos educativos e participação social, In **Curso de Gestão Ambiental**, In P. JR, A.; R. O M. de A.; B. G. C. (Editores), São Paulo: Manole, 2014.

